

recontado por  
**RODRIGO JAMES**

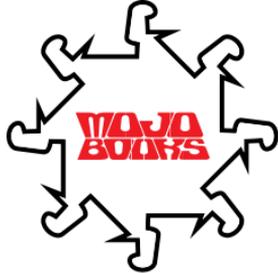


**michael jackson**  
**THRILLER**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci  
organizador

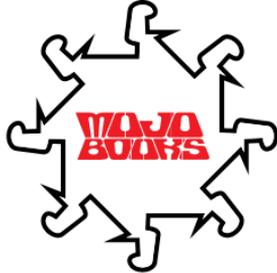


VOLUME 9

---

**THRILLER**  
michael jackson

recontado por **RODRIGO JAMES**



VOLUME 9

---

**THRILLER**  
**michael jackson**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Fevereiro de 2007

# PRÓLOGO

O relógio na cafeteria marcava seis horas da tarde, mas a sensação no rosto e no corpo de Miguel era a de que o dia havia chegado ao fim sem que ele percebesse. Olhou para cima, viu o céu azul e lembrou-se que da última vez que havia levantado a cabeça para admirar o astro-rei, ele não estava lá. Dezembro era sempre um mês de chuvas, e não se lembrava da última vez em que o sol havia brilhado lá em cima. A confusão em sua cabeça só aumentava, pois não tinha certeza de quanto tempo estava naquele lugar, observando uma pessoa que no passado já o havia deixado sem fôlego, sem ação, sem sensação de tempo e espaço. Mas nunca, jamais, em nenhum desses momentos, a sensação tinha sido tão palpável.

## ANTES

A red decorative graphic on the left side of the page, featuring a stylized number '6' in the center, surrounded by jagged, gear-like edges.

Em 1984, Miguel tinha quinze anos de idade e cursava o primeiro ano do Segundo Grau, hoje conhecido como Ensino Médio. Era um aluno mediano, não fazia o tipo CDF nem era da turminha do fundão. Não que isso importasse, com o mundo caindo sobre a sua cabeça naquele momento. Mas, se pudesse voltar atrás, ele teria agido diferente em determinadas situações, esforçado-se em algumas e, nas mais radicais, até chutado o balde. O “investimento” feito por sua mãe (como ela mesma falava até hoje) deu frutos. Se Miguel era hoje um bem-sucedido publicitário, isso devia, talvez com juros, ao tal “investimento”. No fundo, entretanto, ele sentia que poderia ter sido diferente.

Das poucas certezas que Miguel teve na vida, uma era a de que o dia 12 de outubro de 1984 entrou pra a história como um dos seus dias mais importantes. Foi lá pelas dez e meia da noite, num apartamento na Rua Carangola, no bairro de Santo Antônio — um dos mais tradicionais de Belo Horizonte — que ele viu, pela primeira vez, aqueles olhos verdes. Imediatamente o tempo — que vinte e seis anos depois estava lhe pregando uma peça

— deixou de ser linear; se é que ele alguma vez já o foi.

Carol também tinha quinze anos de idade e era o que se chamava naqueles dias de “uma gata”. “A princesa encontra o ogro.” É, até hoje Miguel não conseguiu encontrar uma definição melhor para aquele momento... Não que Miguel fosse o próprio Shrek, mas não estava nem entre os dez mais desejáveis de sua turma, quiçá da escola, mesmo que isso não significasse que ele era feio. Mas aos quinze anos, adolescência explodindo, qualquer coisa fora do lugar faz uma enorme diferença, e os óculos eram sua pedra no sapato. Cinco graus de miopia o separaram de várias pessoas e momentos que poderiam ter sido vividos. Mas naqueles dias, nem mesmo isso o impediria de enxergar aquela criatura angelical e sentir algo se mover dentro de si.

Desde que a adolescência foi inventada, esses seres em formação possuem um ritual: encontram-se em festas nas casas de amigos ou conhecidos e dançam. Para muitos, esse é o ritual do acasalamento adolescente. E, de alguma maneira, não deixa de ser isso mesmo. Quem não participou de uma festa assim que atire a primeira pedra. Para Miguel, as festas eram os momentos mais importantes de sua vida e por elas esperava a semana inteira, ainda que isso parecesse bobo afinal era apenas uma festa que acontecia de tempos em tempos na casa de alguém.





Contudo, para um adolescente de quinze anos, com uns óculos que escondiam quase todo o seu rosto e sua personalidade, era, sim, algo especial. E aqueles encontros na casa da Mariana eram a singulares. Se você ambicionava ser alguém na escola, então ali era o lugar onde deveria estar. Uma espécie de revista *Caras* adolescente dos anos 80, já que muita gente aparecia apenas para dar as caras e participar da tal festa da Mariana do que para realmente se divertir. Claro, a *Caras* não existia, muito menos o programa do Amaury Jr., mas podem ter certeza de que muitas das celebridades que hoje freqüentam as páginas e as linhas eletrônicas televisivas aprenderam em “festas da Mariana” como é que se faz.

Não havia Internet, TV a cabo nem forno microondas. Mas havia Michael Jackson. O *freak* que hoje freqüenta páginas dos tablóides e tribunais de justiça era o maior astro da música naqueles dias. Dez entre dez adolescentes conheciam sua música, sua imagem, sua dança e queriam imitá-lo a todo custo. Passavam horas e horas em frente à televisão, ensaiando os passos de *Billie Jean* ou se assustando com a beleza de *Thriller*, em uma época em que o videoclipe começava a se popularizar. Para um adolescente, chegar a uma “festa-da-mariana” e fazer, pelo menos por três metros, o famigerado *moonwalk*, era algo que contava

muitos pontos. Pouco a pouco, todos percebiam que aquilo era muito difícil para ser aprendido em apenas algumas poucas horas, mas não importava. A tentativa de se repetir os passos em uma pista de dança da casa de algum amigo era o que importava, ainda mais porque as mulheres sempre ficavam impressionadas - afinal, desde que o mundo é mundo, elas se impressionam com os gestos imbecis dos homens. O *moonwalk* ou qualquer outro passo de Michael Jackson era o equivalente adolescente a uma cantada, com a diferença de que não era necessário usar palavras. E, para os meninos nessa idade, não há nada pior do que ter de falar com uma garota, chamá-la para dançar ou simplesmente elogiar sua beleza.

Miguel não era nada diferente. Passava horas em frente à tevê assistindo a sua fita VHS recheada de gravações de clipes e demais aparições televisivas de Michael Jackson. Tentava copiar seu estilo, mas pouco adiantava. O máximo que havia conseguido era andar um metro para trás, sua versão tosca do moonwalk. Era pouco. Precisava de algo mais para impressionar alguma garota. O número de horas passadas em frente à TV aumentou assustadoramente, a ponto de sua mãe lhe chamar a atenção. A determinação de Miguel era tanta que jogar bola ou trocar figurinhas haviam sido deixadas de lado. Dançar igual a seu



ídolo havia se tornado uma obsessão. Miguel não queria fazer feio na próxima festa.

Parte do que ele havia sentido no momento em que viu Carol pela primeira vez era fruto dessa obsessão. Havia ensaiado tanto, tanto havia imaginado se exhibir para alguém que o frio em sua barriga não poderia significar outra coisa: aquela era a hora. Aquele era o dia no qual todas as horas trancafiado em seu quarto se fariam válidas. Os olhos verdes de Carol o atraíam mais do que qualquer outro par de olhos já o haviam atraído. Nem mesmo a beleza das suas atrizes hollywoodianas favoritas era tão magnética como a de Carol. Chegou a imaginar se realmente havia uma pessoa ali ou se ela era tudo fruto de sua imaginação. Mas quando ela se virou para conversar com uma amiga e, quem sabe, buscar mais informações sobre ele, a mística transformou-se em realidade; e Miguel percebeu que deveria agir. Ele, que tantas vezes se imaginou ali, dançando e se exibindo na “casa-da-mariana”, estava decidido a arriscar, ainda que seu corpo não pensasse da mesma maneira. “Calma, Miguel, não é bem assim. Você tem de ter paciência, não estamos prontos ainda.” Mas ele não ligava. Era o momento.

À medida que a festa esquentava, os ânimos iam se exaltando, a música acelerava e todos já sabiam o que viria na seqüência. O



ponto alto de qualquer festa na “casa-da-mariana”: Michael Jackson na vitrola a plenos pulmões berrando “*cause this is thriller, thriller night*”. Dezenas de garotos corriam para a pista de dança e se esbaldavam, gastando suas coreografias na tentativa de atingir seu objetivo: conquistar alguma garota. Porque não havia outro objetivo, certo? Ainda que em seu consciente os adolescentes imaginassem fazer aquele ritual por puro e próprio deleite, o objetivo principal — em seu subconsciente — era outro. E lá foi Miguel para a pista, disputar espaço com seus colegas e tentar alguma coisa. Mas, no caminho, algo lhe pareceu errado. Quando a música começou, ele fitou novamente os olhos de Carol e viu algo diferente. Era como se o poder de atração entre eles lhe dissesse: “Não faça isso, você é muito melhor do que isso. Não precisa ficar se exibindo aqui”. Miguel não entendeu a princípio o que o fez desistir, mas só sabia que seu corpo e os olhos de Carol estavam dando uma espécie de ordem expressa para que ficasse em seu canto. Resolveu esperar a algazarra terminar para saber o que fazer.

Os corpos suados dos adolescentes que haviam se esbaldado durante a canção clamavam por algum tipo de líquido, alcoólico ou não - ainda que menores de idade fossem proibidos de beber. Miguel permaneceu em seu canto, esperando algum tipo de sinal.





De Carol ou de alguma entidade divina que, ao que parecia, estava a seu lado naquela noite. O sinal veio sob a forma de *You're The Inspiration*, do Chicago. Um *must* em festas adolescentes. A música cujo objetivo não poderia ser outro senão convidar a garota de seus sonhos para dançar. De rostinho colado. Um feito e tanto para um adolescente e um suplício para Miguel, que jamais havia conseguido fazer isso. O medo da rejeição era enorme. “E se ela disser não? A culpa terá sido dos óculos?” Mas naquela noite tudo parecia diferente e o refrão da música, por mais simples que parecesse, fazia sentido naquele momento: *“You're the meaning in my life / You're the inspiration”*.

Miguel foi se aproximando de Carol e, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, viu a garota acenar positivamente com aqueles olhos magnéticos. Sem dizer uma palavra, fez um gesto com a cabeça, induzindo que adoraria dançar com ela e aproximou-se ainda mais. Pegou em sua mão e a conduziu para a pista com a segurança de quem está realizando uma tarefa impossível e vital para a humanidade. A primeira parte do corpo de Carol que conheceu depois dos olhos foi sua mão esquerda, que veio ao encontro de sua direita, conduzindo o restante para a dança. Por mais incrível que aquele momento pudesse parecer, o que mais intrigava Miguel era a famosa pergunta “por que eu?”, que

todo adolescente com algum tipo de complexo fazia, e que, em seu caso, era potencializada pela baixa auto-estima que possuía.

A pergunta ficava ainda mais complexa quando Miguel percebia que até aquele momento não havia trocado palavra com a garota, e muito menos sabia seu nome. Resolveu perguntar:

— Qual seu nome?

— Carol. E o seu?

— Miguel. Muito prazer.

— O prazer é todo meu.

A frase “O prazer é todo meu”, dita com a voz doce de Carol e completada por um olhar não menos que magnético, era tudo que Miguel precisava ouvir naquele momento. Olhou para ela e sentiu seu corpo de menina chegando mais perto do seu. Os doces acordes da música se transformaram rapidamente em uma canção de ninar foi como se Miguel houvesse adormecido em um sono profundo, daquele de sonhar forte, com aquele momento, com aquela pessoa, com aquele rosto colado ao seu, com as poucas palavras e muitos olhares que trocaram. Inexplicavelmente, a música durou bem mais do que os três minutos e quarenta e nove segundos do seu tempo cronológico, e os dois nem perceberam que a música seguinte havia começado. *“Looking out / across the nighttime”* eram os primeiros versos de *Human Nature*.





Novamente Michael Jackson. *Fucking* Michael Jackson. Ele, que havia protagonizado um dos momentos mais incríveis de sua vida alguns minutos antes, quando lhe disse de alguma forma que não deveria dançar, agora embalava um momento aparentemente mais importante. Miguel não conseguia permanecer com o rosto colado ao de Carol. Precisava olhar para ela, tentar entender o porquê. Olhou para ela mais uma vez, como se quisesse beijá-la, mas não conseguiu. Por algum motivo inexplicável preferia ficar ali, olhando-a e admirando aqueles olhos bem mais do que aquela boca. Qual era o segredo de tal beleza penetrante?

A música chegara ao seu final e eles nem haviam percebido. Miguel propôs que fossem até a mesa pegar uma bebida. Enquanto observava os olhares de seus amigos, foi conduzido a menina pela sala, sentindo-se o adolescente dos adolescentes. Carol preferiu tomar um suco. Melhor acompanhá-la. Quis saber mais sobre ela, quem era, porque nunca a vira por ali e, principalmente, queria saber a origem de tanta beleza. Não que ele fosse perguntar com todas as palavras, mas queria tentar apenas entender o motivo do magnetismo.

A garota ria muito enquanto contava sua história, dizendo que não era dali, que estava de passagem, de férias na casa de uma prima, enquanto aguardava o momento de embarcar para

bem longe. Se o tempo fosse cronológico, Carol viajaria dali a duas semanas, mas, àquela altura do campeonato, Miguel não acreditava mais em segundo após segundo. Preferia pensar que tinha todo o tempo do mundo para conhecer aquela garota e imaginar que, sim, ela era um anjo.

Olhou para a janela e fitou o céu estrelado e a lua cheia que iluminavam a noite.



## DURANTE

Miguel entrou na loja de CDs tal qual um faminto, desesperado por um pouco de comida. Nunca deixava as compras de Natal para a última hora, mas, levando em conta o ano de 1997 que estava por terminar, o dia 24 de dezembro havia se tornado a única alternativa. Já eram cinco da tarde e não havia encontrado algo que pudesse agradar a Marcela. O fato de namorarem há apenas dois meses dificultava um pouco, pois não conhecia profundamente os gostos da garota. Sabia que ela era, como ele, fã de boas iniciativas musicais de hoje e sempre. Mas o quê? Qual seria “o” presente? Pensou nas listas de melhores do ano que havia lido nos jornais e nas revistas especializadas. Apenas um nome vinha à sua cabeça: *OK Computer*, do Radiohead, que estava se tornando um clássico. O disco havia lhe pegado de tal maneira que Miguel não conseguia imaginar alguém que pudesse não gostar dele. Parou em frente à letra “R”, pegou o CD, olhou a capa, a contracapa e colocou novamente na prateleira. Por algum motivo inexplicável, um nome em que há muito tempo não pensava veio à sua mente naquele segundo.

Começou a procurar na letra “M” e o encontrou. Lá estava ele, esquecido pelas novas gerações e até mesmo um pouco empoeirado. *Thriller*, de Michael Jackson, havia se tornado um clássico do pop mundial, mas as novas gerações não ligavam tanto para ele. Daí o fato de estar perdido na prateleira “M” em meio às novidades da semana, do mês ou do ano. Pegou um exemplar, olhou sua capa, a contracapa, leu a lista de músicas e imediatamente várias lembranças vieram à tona. Todas elas tinham como pano de fundo uma garota que ele não encontrava havia mais ou menos dez anos.

Desde que Carol partiu, duas semanas depois do primeiro encontro dos dois, em 1984, eles haviam se visto pouco, mas se falado muito por cartas e telefonemas. Nestes treze anos só se encontraram mesmo uma única vez. Uma única e especial vez, que Miguel não se cansava de classificar como “a melhor noite de sua vida”. Desde então, os dois tornaram-se unha e carne à distância, se é que isso é possível. No caso deles, não só era, como também os limites do possível e do impossível pareciam se confundir. Ao longo dos anos foram se descobrindo e percebendo que possuíam centenas de gostos em comum e que tinham os mesmos objetivos de vida, mesmo separados geograficamente.

Às vezes, tarde da noite, Miguel olhava para o céu e imaginava



se Carol também estaria fazendo o mesmo. Pelas coincidências e desencontros que marcaram suas vidas, a possibilidade sempre foi alta...

Envolvido pelas lembranças, Miguel nem percebeu que alguém se aproximou e também vasculhava a letra “M”. Subitamente, uma voz que não escutava havia bastante tempo sussurrou:

— Também gosto bastante deste disco. Ele me lembra muitas coisas.

Miguel virou-se e paralisou. A voz, o rosto, o sorriso, o cabelo levemente escorrido, e os olhos, principalmente eles, estavam ali, mesmo que ele não acreditasse. Era ela, alguns anos mais velha, mas igualmente linda. Miguel não sabia se a abraçava ou se continuava ali, impassível, como na primeira vez que se viram e algo disse para ele esperar mais um pouco. Imaginou se não teria outra oportunidade como aquela treze anos antes, e a abraçou bem forte. Carol retribuiu e carinhosamente encostou sua cabeça em seus ombros por alguns segundos, minutos, horas, meses, semanas — não importa. O tempo realmente não importava. Entrelharam-se para ter certeza de que aquilo estava acontecendo até que, mais uma vez, Carol tomou a iniciativa e perguntou:

— Vai comprar o disco para quem?

Sem graça, Miguel disse que era para Marcela, de quem Carol



já ouvira falar por cartas e telefonemas. Ela sorriu e concordou. Pelo que ela escutara da garota, o disco seria perfeito; uma ótima escolha. Miguel ainda estava se recuperando do choque quando, em uma das raras situações diante de Carol, resolveu tomar uma iniciativa: convidou-a para tomarem um café ali mesmo, naquele shopping lotado em virtude da véspera do Natal. Ela aceitou e, como treze anos antes, tomou a mão dele. Já ia conduzindo a garota para fora da loja quando ela perguntou se ele sairia com o CD sem pagar. Miguel olhou para sua mão, viu o rosto de Michael Jackson fitando-o, olhou para Carol novamente e disparou a rir. Uma risada nervosa, alegre e triste ao mesmo tempo, que liberou, ao mesmo tempo, várias emoções que estavam guardadas. Foi até o caixa, pagou, pediu para embrulhar o presente e voltou-se para Carol. A alegria por tê-la encontrado transformou-se rapidamente em decepção, quando ele não mais a avistou. Olhou para os lados, foi até o segundo andar da loja, procurou, procurou e procurou. Começou a andar mais rápido e chegou até a saída. Olhou para os lados. Não conseguia vê-la. Olhou para sua mão e viu o CD embrulhado. O presente de Marcela.

Ao mesmo tempo em que se lembrava de Marcela, pensava no desaparecimento de Carol e ouviu um estrondo. Olhou para cima e viu o céu através de uma fresta no teto do shopping. Uma tempestade estava por vir.



## DEPOIS



A sexta-feira tinha começado ruim para Miguel. Um de seus clientes – o mais importante — havia decidido pegar no pé de sua agência e de seu trabalho. Toda a campanha criada por sua equipe havia sido bombada, e o prazo reduzido para a entrega demandava trabalho extra. Eram apenas dez horas da manhã e toda a sua equipe já estava debruçada em cima do material havia duas horas para reverter o processo. Miguel, cujo tino para lidar com clientes que mudavam tudo na última hora era conhecido por todos, mal podia esperar para finalizar o trabalho e curtir merecidas férias ao lado de Marcela, ainda mais que comemoravam naquele mês de dezembro cinco anos de casamento.

O ano de 2006 tinha sido especialmente vitorioso para a agência de Miguel. Finalmente parecia que sua vida profissional e pessoal estavam entrando nos conformes. Até mesmo a idéia de um filho já havia passado pela cabeça de Miguel e Marcela. Era o início de uma nova e, provavelmente, feliz fase em suas vidas, depois de tantos percalços passados.

O dia já estava quase chegando ao seu fim e, apesar de todo

o estresse, parecia que o cliente havia, afinal, ficado satisfeito. Todas as peças estavam aprovadas, só faltavam as devidas finalizações. Como esse era um trabalho que apenas Miguel precisava supervisionar, resolveu deixar sua equipe ainda mais tranqüila para trabalhar. Disse a todos que voltaria em aproximadamente uma hora, ligou para Marcela avisando que tudo estava bem, mas que voltaria para casa um pouco mais tarde, e foi à cafeteria da esquina – seu ponto predileto para momentos de relaxamento durante o trabalho. Desde o início de sua vida profissional, Miguel sempre se destacou dos outros publicitários por achar que ser *workaholic* não traz benefícios para a vida. Momentos como o cafezinho depois do almoço ou a pausa para uma leitura ao final da tarde, antes de ir embora, eram fundamentais. Era exatamente do que ele precisava naquele momento: relaxar.

Desceu as escadas e virou a esquina. A cafeteria estava cheia de adolescentes sem aulas, jovens em busca de alguma paquera esperando pelas viagens de final de ano, além de outros executivos que, como ele, buscavam um momento de paz. Era um lugar pequeno e simpático, seu ponto de fuga predileto, onde sempre encontrava a paz necessária. Sua mesa favorita ficava ao canto e estava invariavelmente desocupada, sabe-se lá por quê. As atendentes já sabiam direitinho que aquela era a sua mesa

e, assim que ele entrava, já levavam seu pedido de sempre: um *cappuccino* com açúcar mascavo. Miguel sempre agradecia com um sorriso e virava-se para pegar alguma revista ou jornal. Não para se inteirar das notícias do dia, que ele já sabia muito bem quais eram, mas para ler alguma coisa que havia passado batido em seu *clipping* diário. Alguma matéria sobre cultura ou ciência, temas que não faziam parte de sua rotina, mas que sempre rendiam matéria-prima para uma futura campanha.

Na página dois do terceiro caderno do jornal havia uma notícia que atraiu a atenção de Miguel: um tipo de retrospectiva da vida e da carreira de Michael Jackson, que ia desde sua infância com o Jackson Five até aos terríveis dias atuais, quando ele frequenta bem mais os tablóides de fofocas do que propriamente os cadernos culturais. Miguel leu e, imediatamente, vários filmes passaram por sua mente. Por incrível que pareça, ele percebeu que para cada acontecimento significativo de sua vida havia uma música de Michael Jackson. Não sabia ao certo se isto era algo bom ou ruim, ou se traria algum fruto no dia seguinte para sua equipe de criação, mas o fato era que havia muito tempo ele não só não ouvia falar em Jackson como não pensava em Carol. Ela havia desaparecido de sua vida depois de um estranho *e-mail* enviado uns quatro anos antes. Desde então, havia se tornado

apenas uma lembrança numa pasta de seu computador que há muito não era aberta e numa caixa que guardava no fundo de um dos armários de seu escritório. Nessa caixa – lacrada – estavam todas as cartas trocadas, a única foto em que apareciam juntos — tirada na “melhor noite de sua vida” — e um CD de *Thriller*, que ele guardava ali para ter certeza de que um dia se lembraria de tirá-lo para trazer de volta todas as lembranças. Essa última tática não havia funcionado, pois ele não se lembrava nem mesmo da existência da caixa.

Miguel terminou a notícia e tirou os olhos do jornal. Fitou a janela da cafeteria, a rua lá fora e a chuva que começava a cair. Fechou os olhos por um momento e imaginou estar num oásis, sem nada pela frente, apenas com a possibilidade de encontrar algo. Quando abriu os olhos e se percebeu numa realidade bem diferente, começou a observar as pessoas que ali estavam. Reparou no casal que se beijava bem à sua frente, como se não existisse o dia de amanhã; esboçou um sorriso ao ver uma criança se lambuzar com chocolate; prestou atenção no trio de adolescentes que estava entretido com algum tipo de videogame portátil; e, finalmente parou os olhos numa mulher que estava sentada sozinha ao fundo, meio de lado, meio de costas, lendo a mesma matéria sobre Michael Jackson. Olhou



atentamente a mulher e, à medida que o tempo passava, um misto de medo e alegria tomou conta de si. Não, não era possível! Não poderia ser!



# EPÍLOGO

Miguel levantou-se e foi em direção à mesa. Sua certeza aumentava ao se aproximar da mulher. Era o bastante para deixá-lo apavorado e emocionado. Faltavam apenas cinco passos para que chegasse à mesa quando a mulher olhou para trás. Miguel não era muito de acreditar em coincidências ou em obras do destino, mas mudou de idéia ali mesmo quando percebeu que era mesmo Carol. Emudeceu imediatamente, assim como Carol, que parecia não acreditar no que via. Por uns bons trinta segundos os dois ficaram ali se olhando, sem dizer uma só palavra, com medo do que pudesse sair de suas bocas. Foi quando, pela primeira vez desde que a havia conhecido, Miguel tomou a iniciativa de falar com ela.

— Carol?

— Miguel...

— Como você está?

— Muito bem. E você?

— Estou bem. O que você está fazendo por aqui?

— Estava passando por aqui, achei esta cafeteria bonita e



resolvi entrar... e você?

— Eu trabalho aqui perto, dobrando a esquina.

— Ah...

Miguel não sabia mais o que dizer, o que perguntar.. Ao mesmo tempo em que queria saber tudo sobre ela, tinha medo de ouvir o que não queria.

— Carol, por onde você andou? O que aconteceu?

— É uma longa história, Miguel. Voltei pra cá há algum tempo.

— E por que não me procurou?

Nunca, nem em seus sonhos mais insanos, Miguel havia se imaginado naquela situação: perguntar aquilo para Carol de forma seca, depois de muitos anos. Naquele momento não importava mais o que sairia da boca dela. Ele só queria saber.

— Pensei em te procurar, mas achei melhor não interromper a sua vida, te atrapalhar.

— Mas você jamais me atrapalharia, Carol! Você sabe o que significa para mim; o que sempre significou.

— Não Miguel, eu não podia. Você não entende mesmo, não é?

— Não, eu acho que não entendo! Depois de todos esses anos, eu achando que te conhecia, você some sem dar satisfação, não

dá mais notícias... O que você quer que eu pense?

— Não quero que pense nada, Miguel. Só peço que entenda.

— Entender o quê?

— Me entender, Miguel! Entender quem eu sou.

Miguel não entendia. Ele olhava para Carol e não entendia o porquê de toda aquela cena e por que ela se fazia tão distante, mesmo estando ali, diante dele. Tudo que queria naquele momento era dizer pra ela o quanto a amava, o quanto sentia sua falta, o quanto precisava dela. Nada mais importava. Sua vida profissional, Marcela, a possibilidade de um filho no próximo ano, a “melhor noite de sua vida”, a dança na “casa-da-mariana”, as cartas, os *e-mails* trocados...

Miguel não sabia precisar ao certo quanto tempo demorou para entender tudo. Pode ser que alguns segundos, minutos, semanas, horas ou meses tenham passado. Mas, finalmente, depois de muito ou pouco tempo, olhou atentamente para Carol, fitou os olhos dela e compreendeu o porquê de tantos e tantos anos de desencontros. Era como se tudo tivesse caminhado para aquele momento em que os dois, ali, parados, olhando um para o outro, acertassem as contas; colocassem suas vidas no prumo e seguissem adiante.

Para Miguel, foi como se duas portas se abrissem diante de





si. Em uma delas, todo o seu passado, presente e futuro da maneira exata como aconteceu. Na outra, como teria sido se Carol estivesse presente em todos os momentos. A diferença era nítida, e ficou claro para ele qual foi o caminho correto. De certa forma, Carol apareceu em sua vida para construí-la e desconstruí-la ao mesmo tempo. Ele nunca havia percebido isso até então. Ao se dar conta, sentiu um pouco de medo, mas rapidamente deixou o sentimento de lado, substituindo-o por algo que ele não sabia bem explicar o que era. Parecia que a garota que tinha olhado para ele bem fundo naquela festa havia tantos anos se transformara em algo acima de qualquer compreensão. Como não era muito de acreditar nessas coisas, Miguel nunca havia pensado na possibilidade. Mas era exatamente isso que estava acontecendo.

Carol levantou-se, olhou para ele, deu um beijo em sua bochecha e saiu correndo em direção à porta, deixando-o parado com os olhos fechados. Ao abri-los, percebeu que algumas lágrimas desciam por seu rosto. Definitivamente Miguel parecia outra pessoa. Virou o rosto para ver se a avistaria mais uma vez. Não, ela havia sumido.

Miguel respirou bem fundo e tentou entender se aquele anjo havia mesmo se transformado em um monstro. Desistiu de imaginar, pagou seu café e voltou para a agência. Ainda tinha muito o que fazer naquela sexta-feira chuvosa.

**FIM**



THRILLER

## SOBRE O CANTOR

Michael Joseph Jackson talvez seja a personalidade mais controversa do *showbizz* musical. Iniciou a carreira aos cinco anos de idade, como líder vocal do Jackson 5, grupo que mantinha com seus irmãos. Sua carreira solo começou no início dos anos 70, ainda pela Motown. Nos anos 80, gravou o álbum mais vendido da história: *Thriller*. Michael acumulou recordes e prêmios e colocou um total de vinte canções no topo das paradas de sucesso. Também um criador de estilos, em especial em dança, música e videoclipe. Na década de 90 e no início dos anos 00, MJ foi acusado de abuso infantil e enfrentou o júri popular, no qual foi inocentado.

# CRÉDITOS ORIGINAIS

## **THRILLER - MICHAEL JACKSON**

Fotografia por Dick Zimmerman, Lester Cohen e Sam Emerson

Design por Lane

Lançado em 1º de Dezembro de 1982

Selo: Epic Music

Produzido por Quincy Jones

Para mais informações sobre o cantor, visite:

**[www.michaeljackson.com](http://www.michaeljackson.com)**

## SOBRE O AUTOR

Rodrigo James é publicitário, produtor cultural, assessor de imprensa e *DJ*, dentre outras atividades. Faz parte da equipe do Alto-falante (programa de TV, rádio, *website* e coluna em jornal), e coordena uma *webrádio* ([www.portal180.com.br](http://www.portal180.com.br)). Já colaborou com publicações *on* e *offline* como a revista *Zero* e o site *Scream & Yell*.

# ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

**A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.**

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")  
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido  
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados  
pelo disposto acima.

# 9 **THRILLER**

**MICHAEL JACKSON**

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. **WANNA BE STARTIN' SOMETHIN'**
2. **BABY BE MINE**
3. **THE GIRL IS MINE (WITH PAUL MCCARTNEY)**
4. **THRILLER**
5. **BEAT IT**
6. **BILLIE JEAN**
7. **HUMAN NATURE**
8. **P.Y.T. (PRETTY YOUNG THING)**
9. **THE LADY IN MY LIFE**

